

★ VOZ do POVO

Unidos, **CONTRA O FASCISMO — PELA DEMOCRACIA**

venceremos

Esta é a primeira publicação em benefício da Universidade doses ser universitária e VERDADEIRO POVO.

FASCISMO é a religião em que o povo é obrigado a ser e, aliqunquo, todo, em toda uma personalidade miséria.

O regime em que o povo, liberto de alijunquo, compartilha não apenas dos sacrificios, mas também dos benefícios, é uma DEMOCRACIA.

A ignorância dos povos é a maior força dos tiranos

Salazar recusa à Nação o direito de exprimir livremente a sua vontade. A Nação saberá responder com cívica dignidade e de participar em mais esta farsa eleitoral. Nesta hora gravíssima da vida dos povos, colaborar em mais este crime de Salazar contra a Democracia não é apenas uma traição à pátria — mas ao sacrifício dos que caíram pela libertação da Humanidade.

Portugueses: contra o fascismo salazarista — ABSTENÇÃO ELEITORAL!

Que todos os cidadãos que o possam fazer exerçam a máxima fiscalização, de modo que aos fascistas não seja possível apresentarem um número de votos superior ao das listas entradas, ou até mesmo que eles transformem o número de abstenções em votos a favor do Ditador. — Pela Democracia! — Abstenção! — Fiscalização!

NOTA OFICIOSA DA Confederação Geral do Trabalho

(Impulso pelo Centro e sua publicação no Movimento Liberdade pelo Trabalho Socialista)

O Conselho Confederal da C. G. T., na sua reunião extraordinária de 11 de Outubro, convocada pelo Comité Confederal, a fim de ser apreciada a presente situação política e deliberar sobre a atitude a assumir pela Confederação Geral do Trabalho, ante o curso e a repercussão dos acontecimentos resultantes da já histórica assembleia, realizada no Centro Republicano Almirante Reis, em Lisboa, resolveu, sentir sincera e entusiasticamente todos os adversários do actual Governo, todos os indivíduos e instituições que tenham lido, directa ou indirectamente, contra a Ditadura.

Fiel nos seus princípios libertários, ciosa do seu glorioso passado de luta pela conquista de Pão e Liberdade para todos, zeladora perseguida do justo prestígio moral e revolucionário do seu nome e da influência espiritual que a sua ideologia sempre exerceu e exerce no seio do Proletariado português, a C. G. T. entende dever reclamar o imediato restabelecimento da mais ampla liberdade de expressão da palavra escrita e do mais amplo direito de associação e reunião — sem o que não será possível o conhecimento e o exercício do direito público, a soberania vontade da Nação.

Expondo máximo inconstitucional do Operariado, lidinha expressão orgânica do Sindica-

lismo Revolucionário, a C. G. T., que se honra de ter empregado o melhor das suas forças e sacrificado os mais activos dos seus militantes, nesta luta de os tempos revolucionários, afirma a sua posição política e governamental, sabendo agir serenamente, reflectidamente, acompanhando dia-a-dia o desenrolar dos acontecimentos que agora empolgam todos os espiritos amantes da Liberdade, pois que, qua as suas iniciativas correspondem sempre aos interesses gerais da população, de todas as camadas sociais que estão reclamando a satisfação dos seus legítimos direitos.

Mas garante solenemente que permanecerá de pé, activa, pronta para tomar o seu lugar e a reconquistar todos os seus direitos, a principiar pelo dia reparação imediata do seu direito «A Batalha».

Exercitando, une a sua voz à dos que reclamam veementemente a imediata revogação de todas as medidas que impedem a livre circulação da palavra impressa, o regresso imediato de todos os deportados, a decretação de uma amnistia que resulte da liberdade quanto a penas, a suspensão de todos os direitos civis e políticos, por constituição de um governo, e a abertura atenciosa de qualquer modo contra a Ditadura ou contra os homens da Ditadura.

Expondo, para o seu e leitor, a situação política e social da Espanha, a C. G. T. manifesta a sua solidariedade com o povo da Espanha e a sua oposição ao regime de Franco. — O povo da Espanha, que se encontra em situação de extrema miséria, precisa de uma ajuda urgente. — A C. G. T. manifesta a sua solidariedade com o povo da Espanha e a sua oposição ao regime de Franco.

Por iniciativa do FNAL (a tal época de organização real) foi a época da E.N. do Barcelonense em 1934. O FNAL apresentou um dos seus programas. Como, porém, o povo trabalhador de Espanha, de via revolucionária — que neste momento em que o Covadonga catavagava todos os dias, e descobriu later em «Espanha no Trabalho» quando os trabalhadores de toda uma década nova de vida, manifestou o seu desagrado pela impotência de Franco. — Tanto

PARA QUE NÃO ESQUEÇA... Um leitor da E. N. agressivo...

Expondo máximo inconstitucional do Operariado, lidinha expressão orgânica do Sindica-

Um Patriarca que pretere servir a Cesar!..

Entra no pelito-a-leitoja pela palavra anti

do Guardel Patrícia de Lisboa. Em documento que a falta de espaço nos duibe de comentar como mereca, faz afirmações curiosas — sobretudo pela audácia de que se revestem.

A memória se elies — mas inábil. Prevendo colocar a parte ecclética da Nação na desfeza dogmática duma Direção que à Religião Católica tem causado mais prejuizo em Portugal, do que aquele que a vergenhosa emplacação de alguns bispos para com a política de Kichy, lhe tá causando na França.

Condena varias formas de totalitarismo. Mas esquece-se do totalitarismo copado a «Tudo é tirania, quando se negam os direitos essenciais da pessoa humana», diz o Patriarca. — Presumimos: Quando se nega os poderes da Igreja e do Estado, não reconhece mais publicamente esses direitos essenciais aos que os servem? — A parte da do manobro fino a quem Jesus aconselhava (Cassidi no página 4)

UM FASCISTA EMBAIXADOR DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA!

Do «CARDIA ARREDA DO PRESIDENTE ROOSEVELT», publicação em Washington, de 14 de Novembro, em referência a uma declaração de um representante da imprensa estadunidense: «HARPER, representante do seguinte petitorio da seguinte verdade»

«Se a Democracia americana cativou o general Patton, que foi um herói, como permite e mantém o embaixador em Lisboa, cuja politica, accentuadamente fascista, põe em perigo a posição dos Estados Unidos na Península.» «A presença de Baruch... é um ultrage aos sacrificios do povo americano e a memória dos que morreram pela liberdade e pela democracia.»

111

Reles contrafacção

★ O relatório do grande mestre!...
 A visão do grande mestre!...
 A moral do grande mestre!...

Essa o tópico em que se agitam as prodigiosas dimensões do nosso Galvão de Alentejo e dos países católicos, aqui, na lagarteira e na América do Norte.

Muito bem, muito bem. Pois, sr. patenudo, senhores padres católicos (metedidos nas coisas da Cezar), se o vossa excelência e a nobreza não descastrarem a mulher para preservar a magueira, o fregalço desliza-se como castelo de cartas.

O intento do grande mestre! Vejamos um paralelismo indicador...

Gestapo — P.V.D.E.
 Partido Nazi (único) — U.N. Único part.
 Hitler Jugend — M.P.
 S. L. P.
 Craft Dutch Fremd — Alegria no Trabalho.

A macaqueação é de tal modo servil que, no último caso, limitou-se a traduzir.

Alegria no trabalho! — Que vil cismoso, o deste patago, elevado pela covardia dos verbalistas à posição de Chefe que tem sempre razão! Pois haverá patudo ou trabalho seja mais triste? Que duvidar desloque-se a uma das nossas praias de praia e contemple o triste espectáculo de miséria que é labuta daqueles infelizes reduzidos à condição sub-humana pela fome, pelo alcool, pela sífilis, pela ríthos, pela poluição, pela perca, pela prostituição, pela exploração, recorrente de magros musculos por patrões sem escrúpulos. — Bem sabemos que não damos novidade expondo o cisma do chefe, mas sempre é bom recordar, pois muitos lavaram o esquecido os carcazes sem o retiro do grande mestre a ensinar a oração para antes e depois da comia: Paz ao nosso Chefe! Guerra aos seus inimigos!

O cismoso é de grande... católico é bem conhecido. O grande talento de Salazar, nada mais contíguo que ninar Hitler, que por sua vez copia servilmente Mussolini!
 Cerebracão de macaco, como vobem.
 Depois desta burrice chapada, à qual deu

inconsistentemente, a maior retumbância, cai na esparrela de se proclamar *arbitrê orbis o veredicto democrático!* Quem no acts burro? — O processo ao talento, porque quanto a virtude e a moral, reiam:

Foi feita uma sindicância à Câmara de Abrantes. O processo revelou tais coisas que o Ministro do Interior não teve ariedo senão atonia-lo.

Os processos ao talento, porque quanto a virtude e a moral, reiam: Foi feita uma sindicância à Câmara de Abrantes. O processo revelou tais coisas que o Ministro do Interior não teve ariedo senão atonia-lo.

Os dois pareceres são um para o Autor, outro para a Re. Em cada um dos pareceres o ilustre professor de Direito da Universidade de Lisboa da paz à respectiva parte e por cada um cobrou 15 contos!

Este processo foi estudado pelo cirurgião Dr. Salazar, muito cuidadosamente, em virtude das empenças que quizram estar a Câmara de Abrantes da alienação; pois, amigos, não consta que S. Ex.^{ta} o tenha remetido a Ordem dos Advogados para o procedimento que determina o Estatuto respectivo. De moral e o que resta e de vitalidade ficale a virgindade que já sem os pudessem considerar precisa para ganhar o tal, a julgar pelo que fazem e não pelo que dizem.

O processo também revela que um togador conhecido, de nome Mario Matias, actualmente adjunto da Direcção Geral da Administração Política e Civil, quando exerceu o lugar de Secretário Geral do Governo Civil de Santarém, recobria da Câmara de Abrantes, 4.000.000 por mês, na qualidade de Consultor Jurídico!... — Multiplicam aquela cifra pelo número de Camaras Municipais do Distrito de Santarém e digam-nos, quando se desatardirem, o resultado. — Aqui para nós: *hi Matias, Matias, não é o Mariusio...*

Pois não, é um digno elemento da quadrilha. — Paz ao nosso Chefe! — Guerra aos seus inimigos!...

NÓS, AS MULHERES...

A MULHER E A DEMOCRACIA

O Salazarismo que das mulheres tem feito as suas maiores Villanas, vem-se adivinhando as eleições para reformar a sua propaganda eleitoral. Não tem sido feita na escola — e naturalmente, no exílio.

Clyde Afillo — *assistente social, com ordenado pelo que garante, pelo menos, almoço, jantar e ceia, a custa da miséria que o Estado Novo mantém, para que se possam eleger e outros vulgarezes rendados para os seus afilhados* — *Isa, um fregate que, pelo vilício, merecia melhor a atenção da Dea, Luis Ceballos que o talis dos reporteres.*

A Dea Maria Luiza Van-Zeller, com moralidade e, naturalmente, o reflexo do bem — *lar molesal de que goza, íntima as mulheres de Portugal a que votem — para que esse bem-estar que tem fruído como perseguido, de vray spierar, como era, Julia, se não acabe. Admito que tem razão. O que não tem e vergonha nenhuma!* Porque ela bem sabe que todo o seu bem-estar e o das suas amigas e colegas de relacionamento, a feito a custa da miséria, do sofrimento da grande maioria das mulheres das classes média e pobre — *até mesmo das que, para não verem os filhinhos morrer de frio e de fome se veem obrigadas a descer a mendicância a prostituição!*

Maria Luiza Van-Zeller e as suas pobres amigas não tem vergonha, nem sentimentos cristãos! Se os tivessem, não pediam a mulher portuguesa que votasse para manter a Dinastia que em 20 anos nada mais tem feito que cainar os privilégios dos poderosos a custa da desenfreada exploração dos que trabalham ativamente para a Nação — que é o povo e não apenas os potentados que lhe encozaram a defesa duma causa já perdida.

A mulher votar, sim, mas quando livremente possa exercer esse direito. E encolara, então, para onde não possam fazer dano, todos e todos os que, como essa Van-Zeller, (verdadeira Irma Grese de lenas e falsas monjas) tem feito toda a vida das mulheres de Portugal um inferno em que o terror policial, o medo do desemprego e a falta de fome, formam a negra trilogia que lhes fez despertar mais forte o seu amor pela Democracia.

CELIA G.

A imprensa clandestina

E o Movimento Eleitoral

★ Ao que nos consta, o Ten. coronel Riquardo Durão — que em 5 de Abril tem a franqueza de confessar que ao exército tem uma epidemie especial, uma sensibilidade patológica, paradas de honra naturalmente excessivas, vícios provenientes da deformação profissional, etc. — *pregando «ingenunismo» na Sociedade de Geografia, numa sessão da U.N., se nos promotores da União Democrática se solidarizavam com a imprensa clandestina.*

Não existe a menor ligação entre os que aqui trabalham e a chamada «União Democrática» — que num momento tão oportuno, com tanta elevação tem tratado de reatender os seus elementares deveres de um Popo que há já quasi 20 anos se encontra como que sepultado vivo, sem ao menos poder expressar o seu pensamento.

Pode o Democrático fregalço descastrado, que as mercedas chivoadas que lhe temos dado, nestas columnas, não apenas da nossa res-

ponsabilidade. Esclarecemos, ainda, que não podia nem pode fazer qualquer ligação pelos razoes seguintes: — Estamos na clandestinidade precisamente porque nos estamos dispostos a ajeitar-mo-nos a uma censura preciosa e castigar, feita pedando de forma alguma concordar com uma pelção feita a um governo que não reconhecesse nem acatamos; — Não tendo rotado nem tomado nunca a sério a engrecaidismo constituido de 1933, não poderíamos nem descermos, sob qualquer pretexto, innocência. E não tendo nunca considerado esse pelção go-ga, para quem não há fonte de fide no exercicio de funções publicas, como o maior alto magistrado da Nação, nunca descermos a sr. curia os boboseres que se permitiu dizer acerca do seu interferencia junto do Governo, no sentido de serem permitidas em Portugal eleições livres.

Concludo, admittamos os esforços dos que tem dado o melhor do seu ardar ao exper-

Sem eleições livres votar é traír a Patria Ou liberdade ou Abstenção eleitoral

dado movimento tendo a feito. — *Embora a seus resultados (já por nós preditos no n.º 2 de 1 de Out.) sejam nulos.*

Então pregaram-se a Ingleses e americanos, se um governo que reza um tão vergonhoso e sem qualquer dignidade, se a proclamação de um novo tratado, já que se não cansam de banhar-se contra os governos da Alemanha, Hungria e Bulgária e contra as suas eleições, enquanto de Portugal nada dizem.

Sera porque Portugal está sob a sua esfera de influencia e, portanto, quer manter maneira lhes sures — com o seu sem democracia? ...

Não se esqueça de ler a 1.ª e 2.ª páginas do número de hoje. O conteúdo é muito interessante. Não se esqueça de ler a 1.ª e 2.ª páginas do número de hoje. O conteúdo é muito interessante.

★ ★ Esclareçamos ★ ★

Andam por aí os boceiros a espalhar, com infinitos de intimidações, que o governo pretendo silenciar os nomes dos funcionários militares que assinaram as listas de adesão à doutrina da Comissão de Unidade Democrática, com o fim de sobre eles exercer represálias.

É possível que assim seja, e não é também de por de parte a hipótese de que haja quem talvez se, tal procedimento indigno e inquisitorial, for posto em prática.

Vejamos o que daí resulta: o governo vê-se na contingência de enrolar (à Múrias) alguns milhares de funcionários que serão automaticamente substituídos por outros que possivelmente não tenham assinado.

— Pode estar certo o governo de que desses outros tantos milhares que vêm substituir os primeiros, concordam com os seus processos?

— O panorama que a seus olhos se está desenvolvendo por esse País em léria, deve dar-lhe bem a medida das simpatias írricas que pode contar.

— Resolva o governo com ousadia, com deslica e problema eleitoral, única preocupação dele e nossa neste momento?

— Levam-nos a assim todos os que assinamos e que não nos assinaram a votar nas suas listas? Mas se o governo que os homens inteligentes que ainda se encontram desse lado em tal não creem. — O que resultaria, por outro, de ser posta em prática essa política preconizada por um Múrias que mais parece um *Múria* a marcar segno no paio varalho?

— Um acrecer de odios, castrostróico para a colectividade.

— Diriam-lhão que se trata apenas de uma

questão disciplinar, da qual nenhum governo pode abster-se. — Mas em que ofenderam a disciplina aqueles que manifestaram ordinariedade com a sua assinatura um documento que, na presidência da República (foi merecia encomiar). — Devera este alto funcionário ter também atingido, pois que igualmente se manifestou, uma vez que o seu conceito foi publicado nos jornais e não escondido? — Devero não se uma vez para sempre de devir um sentido das palavras, para fins fortissimos, e comprometer nos lidos de que a disciplina do funcionario não é o acatamento cego e animal de carneiro que segue cobiçoso o condutor da manada.

— A disciplina do funcionario a qualquer coisa de mais elevado, nota e útil, porque é o severo escrupulo ao trabalho que o país remunerar também escrupulosamente; o país mais nada premia aqueles que não seja a defesa dos seus interesses na administração dos serviços que lhe compete.

— Mas se o governo for por diante em tão atrevido caminho, e houver quem o funcionario para a justificar manudando, ainda talvez nos favoreça com tal medida.

— Que, se alguns fraguearem, se outros assinarem sem condições, assim nos ajuda a desprovar, que bem mais dizem se, quando todos começarem a julgar que é mais perigoso não assinarem, do que assinar já.

Leite pentes & botões...

★ Antes da guerra, Portugal era, entre todos os povos europeus, e mesmo entre todos os povos que se chamam civilizados, o que consumia menos leite. O leite, aliado de primeira ordem e dos mais necessários à vida humana, pela sua escassez e mesmo a este, quasi unicamente aos que se encontram em estado grávido. As crianças, as raquíticas e doentes crianças portuguesas, só os privilegiados, as mais abastadas o tornavam em doses convenientes. E não se estranhará nada disto se soubermos que a ração de leite que cabia a cada portuense se gastou, era de dois centímetros cúbicos. Dois centímetros cúbicos é uma medida equivalente a um detal velgar.

Depois da guerra o que aconteceu? Com a economia dilapidada pela Grémios, os portuenses, com certeza, que a situação de *re tre subido imenso*.

Foi isto o que sucedeu?

O melhor é ouvirmos um daqueles «papagaios» que Salazar empoleirou no antigo Parlamento, fingindo que a liberdade de comércio em Portugal, o «leite» que fala chamava-se Mele Machado, e o «leite» de que falava Mele Machado, e o «leite» de que falava Mele Machado (ano XIX do fascismo salazarista) disse:

«Quando à questão dos laticínios, os produtores queixam-se amargamente dos industriais que enriquecem rápida e fabulosamente, enquanto eles têm agravada a sua situação de miséria. Possivelmente, em breve, a indústria não terá matéria prima, pois

as vacas leiteiras estão a desaparecer de forma assustadora. O leite que se pede na capital a 3500 o litro e pago aos produtores a 350 e, quando muito, a 1500. E com este leite, tão indispensável neste momento à alimentação pública, fazem-se, extractado a caseína, botões e pentes!»

Não há comentários a fazer. Apenas lembramos que este é o facto autêntico da cenefa do papa Leão XIII, em que a Igreja preconiza a economia corporativa, que Salazar, como bom discípulo, realisa integralmente.

E a miséria e a doença do povo continuam, provocadas por um tempo e incapaz sistema governativo que, sem controle dos acontecimentos, procura ainda sobreviver à custa, da violação dos princípios fundamentais da dignidade humana e a sombra dos métodos nazifascistas.

DR. GONCALO MONTEIRO FILIPE

Acaba de desaparecer mais um infidelidade democrática que a senha da Dittadora não poupa. Amigo Director Geral de Saúde na Guiné, nem um só instante deixou de se solidarizar com os combatentes do fascismo e nazifascista. No exílio, onde o conhecemos, li-nha em quantos o conheciam, um amigo, que não deixou de recordar com saúde a simpatia radiosa do seu bondoso caracter.

O que a «liberdade suficiente» de Salazar não deixa publicar...

(Telegrafos cortados pelo Censuro)

Moscou, 4. — Salazar foi classificado como ditador fascista e o seu regime em Portugal foi severamente criticado por um jornal da tarde de Moscovo. O jornal afirma que Salazar matou simpatizantes consistentes pelos regimes de Mussolini, Hitler e Franco e errou de deplorar os restorcos de alguns jornais britânicos, especialmente o Times, para justificar a sua acção. O artigo conclui: «Os recentes acontecimentos em Portugal confirmam plenamente que o povo português está a começar a perder a paciência. (Reuter-Morci)»

Paris, 3. — O Partido Comunista francês, numa informação publicada ontem à noite, disse que tem agora mais de um milhão de membros contribuintes. A Reuter acrescenta que o Partido Comunista teve nas últimas eleições mais de três milhões de votos. (Reuter-Morci)

Sighev, 3. — Mais de 6000 homens e mulheres celebraram ontem o 28.º aniversário da Revolução russa. Discursos J. Hoole, da Comissão Central dos Trabalhadores, dizendo que a «crise do Adiantos dificilmente poderá entrar em vigor enquanto houver atitudes contra os povos que procuram a liberdade e a independência. A Rússia constitui uma esperança para os trabalhadores de todo o mundo. A assistência ao comitê era constituída por chieles russos, italianos e iugoslavos. (Reuter-Morci)»

Londres, 3. — O comendador da radio de Moscovo, em entrevista ao *«New York Times»*, causou a paz tentor abandonar os fundamentos da colaboração internacional que foram estabelecidos durante a luta comum contra o fascismo. Não se cre a causa da paz tentor voltar as mãos fascistas que ainda assistem depois da derrota do Hitlerismo.

«No arre e causa da paz, preservar o nicho de fascismo, tanto de Franco, na Espanha e outros ainda». O comendador acrescentou: «Comemorando o 28.º aniversário da Republica Soviética, o povo russo compromete-se a lutar pela paz entre os povos, por uma paz que seja a paz». (Reuter-Morci)

Paris, 3. — Maurice Thorez, Secretário do Partido Comunista francês, falando perante a Comissão Central do Partido, deu o seguinte sumario do progresso comunista quanto a politica interna e externa: 1.º — Castigo rigoroso de todos os a ambarcaredores, especiaes e traidores e cooperação dos seus beneficiarios; 2.º — nacionalização desactiva garantida da liberdade da instrução publica, alem de guerras; 3.º — nacionalização de industrias que constituem, de facto, monopólios, nos contra a bancária, dos seguros, da electricidade e do gas; 4.º — abolição da organização corporativa criada pelo regime de Vichy; 5.º — estabelecimento dos preços dos bens essenciais e básicos; 6.º — a instrução democratica do Exército. Quanto a politica externa, os comunistas desejam: 1.º — Estabelecimento de segurança colectiva como meio de manter a paz; 2.º — uma colaboração leal entre as maiores potências; 3.º — respeito absoluto das cláusulas de aliança franco-russa; 4.º — respeito da criação de qualquer bloco occidental; 5.º — franco corte de relações com o Gov. de Franco.



(Officina de Estudos e de Estudos — sugestões de colégia armada do País — Adolpho, Espinheiro, Justicista, Mourão, etc. formam — segundo a moderna concepção — com os deputados, deputados e deputados, a grande massa do Parlamento do Nação.)

Resposta aos CLERICAIS

Vá dias foi distribuído pelas igrejas de Lisboa, um pequeno papelucho que, por entre calendas boladas sobre os adversários da Ditadura, incita os católicos a votar em Salazar. Não sabemos se a *«República»* teve conhecimento desta infâmia. Mas se teve conhecimento e não lhe quis fazer a menor referência, achamos que fez muito bem, porque a resposta a estes miseráveis quem a deve dar somos nós — que nos encontramos onde a censura não chega.

Embora o País se esfalle em querer fazer-nos crer que a Igreja é neutra em matéria política, indo até à condenação dos sistemas totalitários, a confissão feita agora pelos clericais de que foi Salazar quem deu a maior liberdade à Igreja — liberdade e autoridade que ela jamais gozou nas mais recuadas tempos da nossa história — em nada nos surpreendeu, porque de lá muito nos saldamos que Salazar mais isto é que um delegado da Igreja em Portugal.

Entretanto porque se tem procurado a Igreja a propósito do Clericalismo, já tornando quasi obrigatório o ensino religioso nas escolas, a ponto de se tomar o catecismo como livro único nas primeiras letras, e a autoridade enorme de que vem gosando a Igreja neste regime de mitra e báculo.

É mais curioso mesmo papelucho e a desfigura estes miseráveis em chamarem *«liberdade religiosa»* ao que não passa da mais torpe e descarada protecção à Igreja, enquanto as outras religiões nem toleradas são, sequer! Já ainda o repelente papelucho que foi o *«Estado Novo que põe cobro às perseguições iniciadas com o assassinato dos padres Barreira, Gomes e Frages, com os incêndios e os cascos a conventos e igrejas, etc. etc.»* e que

Já não precisam de esconder a sua qualidade de católicos, etc. — Realmente, tempo houve em que os católicos tiveram necessidade de esconder aquela qualidade, não pelas perseguições que sofriam, mas pela vergonha que sentiam em ter de se solidarizar com todos os escandalos e crimes nos conventos do Queijas, Irinas, etc., entre os quais tomou maior relevo, o celebre caso da Sara de Matos.

É extraordinário que venham falar na morte de dois padres — dois padres, apenas — quando a Igreja tem no seu activo tantas e tantas mortes, convenientes, almas de ferro, tanta gente foi queimada viva, etc. etc. que ainda hoje todas as barbaridades cometidas pelos alemães nos seus campos de concentração, não são, comparadas com as selvagerias praticadas em nome da *«Santa Mãre Igreja»*, por quasi todos os países da Europa, desde a execranda Inquisição assentou alicerces!

Mas não nos recusemos tão longe. — Quem foi que preparou e ordenou a matança da noite trágica de 19 de Outubro, de que tanto se publicam e vertem lágrimas de crocodilo sobre as cinzas das suas vítimas?

Não foi o padre Domingos, do Cabecinho de Basso, limitado traidor, que durante tantos anos andou a monte por Espanha, e voltou a manchar as ruas de Lisboa, depois do assalto ao Poder levado a cabo pela Ditadura?

Tenham vergonha, seus miseráveis e não queiram salpicar com a lama de que são feitos, os desprevidos, que passam a vossa lado!

sim, talvez, uma suspeita infundada; e o Governo readmitiu em atenção aos serviços por ele prestados ao País.

Uma folha de serviços

eram infundadas ou correspondiam a uma realidade. No primeiro caso, o Governo procedeu como em tantos outros casos, com uma lenidade criminosa. No segundo, os títulos de glória que o País lhe deve por actos praticados lá fora, há a acrescentar estes, igualmente admiráveis, tentados cá dentro, para nos livrar desta tirania de traidores.

Gostaríamos agora de conhecer a folha de serviços do Ministro da Guerra, um padre milício que dizem chamar-se Santos Costa. Sobretudo, o que tem feito pelo seu País lá fora ou cá dentro; e as medalhas que tem e como as ganhou.

Esperamos a publicação de outros folhos de serviço...

a fim deste dar o seu parecer. Verificando o Mendia que em último lugar tinha sido classificado o seu grande amigo, Arnaldo dos Anjos Pedrosa, tesoureiro daqueles serviços, embora pouco mais seja que um analfabeto, pois mal sabe ler e escrever, anulou o referido concurso e abriu outro de provas documentais, colocando na vaga existente o seu grande amigo!

UM PATRIARCA QUE PREFERE SERVIR A CESAR...

(Conclusão de 12 páginas.)

como caminho para O seguir: tende o que tens e dá-o aos pobres, e linda demais para que certos católicos a compreendam...

Mas a grande massa dos católicos sente que isto não está bem. Precisamente o seu espírito crítico que se subleita contra a tirania de alguns sobre o maior número. E Jesus que das almas não empurralhas pelo peso de boas intenções e excessivos, vem expulhar os novos vendilhões.

Cristo está primeiro — dizem também nós. Mas o Cristo Bondade, Amor e Justiça — que tem sido insultado e deformado pelo que o transmitiram em baféio ou em capa de latrocínio.

Cristo está primeiro — Porque o cristianismo é a própria essência da Democracia porque lutamos. E se alguém nosa, como que afirma o Patriarca, e não sabemos que seja algum e Soluzar, se alguém notou que o mundo não sabe ao certo o que seja democracia, esse alguém mentiu — com o descaçamento que lhe é notório.

O mais obscuro e inculto trabalhador português (obscuro pela ignorância que a moral desta sociedade o relega) sabe, por instinto da sua alma simples e boa, que democracia, liberdade, justiça, etc. são os direitos elementares da dignidade da pessoa humana. Mas sabe também, com que brutalidade esses direitos lhe foram sempre negados, fosse alguma Igreja sagrada reis (de direito divino) ou agora, sob a égide do Estado Novo.

E se a Nação portuguesa reclama os seus direitos de maioridade política, para que, com a respectiva liberdade possa aprovar a Carta dos Artigos Unidos, como se pretende, é afirmar que lá quem não sabe o que é democracia? — Por não resalta em do enunciado das 4 Liberdades que foram aceites como seu melhor fundamento?

Nunca dessas 4 Liberdades: a liberdade de pensamento e de religião, esta mesmo bem clara a resposta à pergunta que o Patriarca aconselha aos seus leais: «Se os que falam à Nação (neste caso, os democratas) defendem a observância da Lei divina e dos direitos da Igreja». E a não ser que o Patriarca pretenda que tal Lei e direitos se consubstanciam na política opressora da Ditadura, teremos um breve a Espanha, revelação de que o eminente Antislav vai também colaborar na aprovação da Carta das Nações Unidas — aderindo às resoluções do Centro Aliante Reis...

(Alpido)

Por «UM ASTURIANO» foram-nos oferecidas 500 fls. de papel, que agradecemos.

Em 1944, na vaga deixada pelo Dr. Carvalho de Araújo, foi dada a passar a situação de Sousa Almeida, o Mendia, que se quem todo mundo conhece serviços, inteiros, e bem ganhos, sem a menor ser-verificação, no lugar de 1.º official, então, vago 1.º.

Estes arranjos para servir amigos são feitos no Conselho Superior de Provas do Ministério da Economia, constituído pelos quatro Directores Gerais: Mendia, Botelho da Costa, Lopes Pereira de Melo e João Fialho, que tem fones tapalores como estas: «D. menino, servo por filho; oha que eu também quero servir fulano...»

MORALIDADE NA DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS FLORESTAIS E AGRICOLAS

Em 1944 foi aberto concurso de provas públicas para uma vaga de 1.º official, a que concorreram 5 candidatos officiaes. Foram apresentadas as provas pelo Juri ao Director Mendia,

no qual se pode avaliar o papel da...